

4 Cm 27.7.97

Novo fôlego no reactor de Sacavém

# ESTAMOS A FORMAR PERITOS NUCLEARES

O Reactor Português de Investigação (RPI) existente no campus científico de Sacavém, integrado no Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN) e tutelado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, viveu nos últimos tempos entre a "vida e a morte", ou seja, o encerramento ou o salto em frente. Entre as duas opções o Governo decidiu manter o "aparelho" a funcionar, soube o Correio da Manhã junto do professor José Carvalho Soares, actual presidente do ITN que revelou também o facto de estar a ser ganho "um novo fôlego com o início da formação de peritos em nuclear".

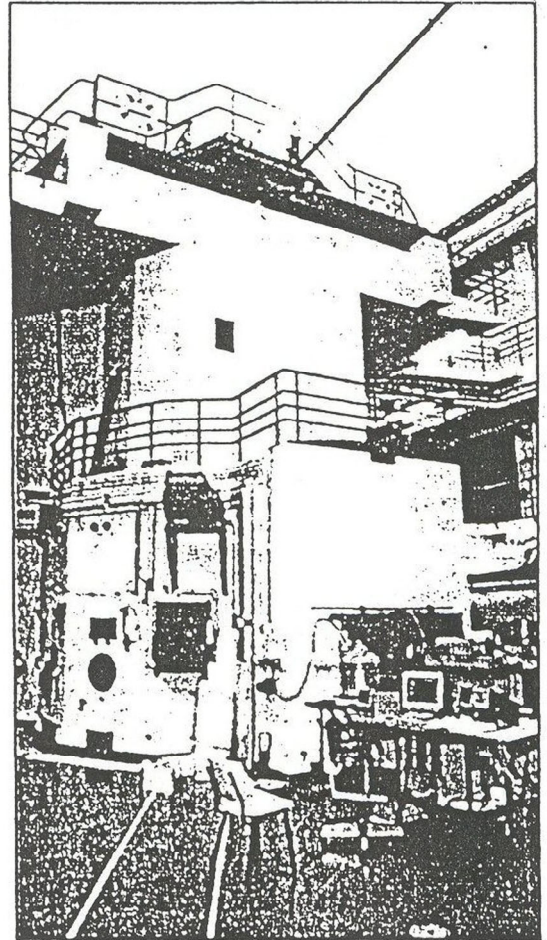
Para além de jovens portugueses, e porque o RPI é uma estrutura única na Península Ibérica, decorrem contactos avançados com o Governo espanhol, para que a formação de cientistas daquele país decorra nas instalações de Sacavém.

Desde Janeiro de 1996 que ao comando do ITN o professor Carvalho Soares foi claro e, logo no discurso de posse, referiu que o futuro daquele instituto dependeria, "essencialmente, da viabilização do Reactor Nuclear". Porém, neste ano e meio, a tarefa não foi fácil porque a realidade com que deparou era sombria.

Investigadores especializados para operar com o reactor eram poucos. Em Fevereiro o investigador Eduardo Martinho expressava publicamente a sua preocupação e referia que, dos sete investigadores especializados existentes, até ao final do ano cinco preenchiam os requisitos de passagem à aposentação.

Daí que face a este panorama e às dificuldades inerentes à desactivação do reactor por razões de segurança nuclear, o professor Carvalho Soares tenha optado por fazer ressurgir o "aparelho".

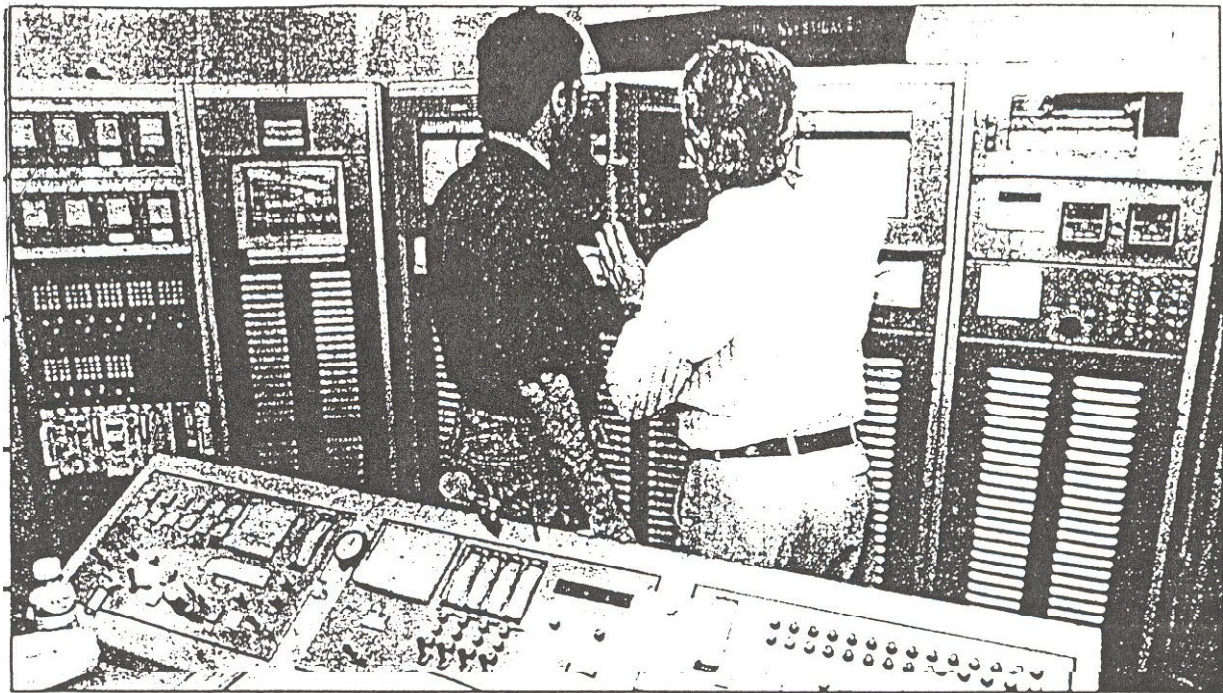
Quem assume responsabilidades de operação do reactor? Para responder a esta questão, já avançam as primeiras acções de formação, em várias áreas, nomeadamente, "o mestrado em física nuclear aplicada" capaz de preparar peritos e desenvolver utilizadores do RPI.



O Reactor Português de Investigação possui um potência de 1MW térmico, o que equivale a 1000 aquecedores eléctricos de uso doméstico de 1KW cada, e é a única escola de formação de cientistas nucleares da Península Ibérica

O jovem José Marques acaba de fazer um curso em Karlsruhe (Alemanha) de operação de reactores e este "é o primeiro exemplo de outros que se seguem", revela o nosso interlocutor que admite estar a iniciar-se um verdadeira corrida contra o tempo.

Quando o CM esteve no reactor, José Marques procurava avaliar uma avaria que se tinha verificado, devido ao rebentamento de uma conduta de água em Sacavém, no dia anterior. Entusiasmado com o trabalho o novo recruta, com a humildade própria de quem sabe o que está a fazer, confessou ao nosso jornal que junto dos



José Marques, à esquerda na foto, é o líder de uma nova geração que daqui a alguns anos conhecerá todos os segredos do reactor nuclear, no momento em que procurava detectar uma avaria

colegas mais velhos se sentia apenas "um aprendiz de feiticeiro".

### Começa a mexer.

Quem visita as instalações do Instituto Tecnológico e Nuclear percebe que algo está a mexer. Há grupos de jovens a lidar com as máquinas, algumas das quais ajudam a montar ou introduzir alterações.

Mas, o professor Carvalho Soares tem ideias precisas sobre o futuro e apresenta números reveladores que mostram que se está a inverter a tendência dos últimos anos. Mas, nunca despreza o trabalho feito durante 36 anos, por aqueles que tiveram a árdua tarefa de manter o reactor a funcionar.

"Há duas vertentes que, só por si, justificam a existência do reactor e a sua utilização intensiva: a universidade e a

indústria", revela o nosso interlocutor que completa a sua ideia ao afirmar que, "até aqui, não foi possível potenciar esta interligação por desconhecimento do trabalho que se pode fazer e por desinteresse dos políticos que nunca tiveram ideias definidas, nomeadamente os responsáveis do anterior Governo".

Em relação às universidades "não têm estratégia", diz Carvalho Soares com algum desencanto estampado no rosto. "O reactor e as outras estruturas do Instituto deveriam servir como laboratórios das universidades o que não aconteceu no passado, como tal era impossível recrutar jovens nesses locais."

Em relação à indústria, o professor Carvalho Soares aponta o dedo acusador ao facto de o campus de Sacavém ter vivido fechado sobre si próprio. Mas aqui o caminho já começou a ser desbravado.

Resultado desta nova filosofia de trabalho, as conversações iniciadas na

passada terça-feira, com empresas espanholas interessadas em desenvolver trabalho em Sacavém, cujo investimento ronda os 200 mil contos.

No primeiro caso, a ENUSA, que tem correspondência em Portugal na Empresa Nacional de Urânio (ENU), pretende instalar uma unidade de radio isótopos, que na prática servirá para a produção de geradores de tecnécio para hospitais. No segundo caso, os espanhóis pretendem a instalação de uma fonte de cobalto para a indústria "Nuestros hermanos" proíbem fazer o investimento, alugam as instalações e põem-nas em exploração industrial.

Começa a ser rentável manter de pé o reactor nuclear e toda a estrutura envolvente. Talvez por isso e para não perder a experiência acumulada desde o início esteja na forja um livro intitulado: "Os 36 anos do Reactor Português de Investigação - Olhar para o Passado para perspectivar o Futuro."

Texto: Mário Aleixo  
Fotos: Jorge Paula

## Cientistas mundiais reunidos em Lisboa

Portugal acolhe, a partir de hoje e até ao dia 1 de Agosto, no Hotel Alfa, em Lisboa, a "Conferência IBA-13" e por via disso transforma-se no centro das atenções de toda a comunidade de cientistas utilizadores das Técnicas de Feixes de Iões para fins de análise de materiais avançados. A recepção dos participantes começa hoje mas as sessões de trabalho só se iniciam amanhã, com a presença do ministro da Ciência e Tecnologia, Mariano Gago, pelas 9h30.

Uma nota do Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN) explica, em relação ao teor da conferência, que "a utilização de um dado material, particularmente em microelectrónica, depende essencialmente do estado e propriedades da sua superfície ou regiões vizinhas. Daí que qualquer técnica, selectivamente sensível às primeiras camadas atómicas, tem hoje um relevo especial".

O nosso País surge como organizador, depois do prestígio alcançado desde 1985, nas conferências de Berlim (85), Kensington (89), Eindhoven (91), Budapeste (93) e Arizona (95). Os trabalhos apre-

sentados nesta série de conferências levaram a que Drª Maria Fernanda da Silva, vice-presidente do ITN, fosse convidada em 1993 para fazer parte da Comissão Organizadora Internacional e incumbida em 1995 de organizar a reunião de Lisboa.

O número de participantes inscritos ronda os 400, de 46 países, mais 80 acompanhantes, e esta é uma oportunidade para "discutir o futuro de uma tecnologia avançada que nasceu da reconversão dos pequenos aceleradores da Física Nuclear e, hoje, se encontra ao serviço dos cientistas interessados em desenvolver matérias com propriedades pré-programadas que abrem novas perspectivas no campo da revolução tecnológica".

No ITN existe um grupo que, desde 1982, em colaboração com a Universidade de Lisboa, reconverteu um velho acelerador num moderno Centro de Processamento e Caracterização de Novos Materiais.

A par dos trabalhos decorre um programa social, do qual se destaca uma noite de fados, dia 29, pelas 21h30, no Teatro S. Luís, em Lisboa.